

Até a vice vira isca para os tucanos

Encontros secretos, telefonemas, reuniões, vôos de Lear Jet entre Brasília e São Paulo, marcam a agitada ofensiva de Fernando Collor de Mello em busca do apoio do PSDB. Na tarde de sexta-feira, Collor, segundo alguns de seus assessores, já admitia a possibilidade de trocar seu vice, Itamar Franco, pelo senador tucano Fernando Henrique Cardoso. Uma troca mais à procura de prestígio político que de votos. "Os votos do Covas virão naturalmente para mim, com Lula ou Brizola. Eu preciso agora é de moldura para a campanha", disse o candidato a um parlamentar. Com os tucanos, Collor entende que quebrará a enorme resistência das classes A e B à sua candidatura e, além disso, conquistará um partido com quadros prontos para ajudá-lo a governar.

A decisão de trocar de vice, entretanto, não tem a aprovação unânime dentro do staff da campanha do PRN. Fernando Collor pediu a seus assessores uma avaliação cuidadosa sobre o assunto. Ele teme que tirando Itamar perca preciosos votos em Minas Gerais. "Minas pode se ofender e votar no adversário", disse. A derrota de Itamar Franco em Juiz de Fora, sua base política, ajuda na argumentação dos adeptos da troca. Ontem, o deputado Renan Calhei-

ros, líder do PRN, viajou para São Paulo, onde, provavelmente, se encontraria com parlamentares do PSDB para negociar a aliança. Não há grandes obstáculos ao acordo, porque uma das principais exigências dos tucanos para dar o apoio é que o candidato seja parlamentarista. Collor não só é parlamentarista como já se dispôs a fazer campanha em 1993 a favor deste sistema de governo no plebiscito previsto pela Constituição.

Só na última sexta-feira, montado numa diferença de 5 milhões de votos sobre o segundo lugar, Collor de Mello descontraiu-se e aceitou comemorar antecipadamente a vitória no primeiro turno. Naquela manhã, os boletins do TSE confirmavam o que se chamava o "fenômeno Collor", ele estava em primeiro lugar em todas as regiões do País e nos estados mantinha-se em primeiro ou segundo, sempre com votação expressiva. Collor enfrentou ao longo da campanha, desde abril, quando alçou o primeiro lugar nas preferências dos eleitores, a mais contundente campanha de oposição jamais vista no Brasil. Collor começou a campanha com cem mil dólares e meia dúzia de assessores alagoanos. Na medida que crescia na preferência dos eleitores,

cresciam também os aliados. Veio Roberto Marinho com a Rede Globo, multidões de políticos e empresários, com eles mais recursos para a campanha. Este apoio veio acompanhado de correspondente reação dos adversários. Disseram que os alagoanos não gostavam do seu ex-governador. Para arrasar este argumento, Collor obteve 55 por cento dos votos no seu Estado. O assessor de imprensa de Collor, Cláudio Humberto Rosa e Silva, costumava dizer: "Passaram Collor de Mello duas vezes na máquina de moer carne, e ele saiu inteiro". O candidato sentiu muito ao longo da campanha os ataques pessoais, toda sua família foi atingida, mulher, ex-mulher, mãe e até parentes distantes como o primo juiz federal Mello Porto. "Foi muito duro sofrer tantos ataques pessoais, mas o resultado das urnas mostra que o povo repudiou este tipo de baixa política", desabafou Collor a um amigo na sexta-feira. "Nada colou contra ele" — constatou um influente deputado do PDT. O ex-deputado Cibelis Viana, coordenador da campanha de Leonel Brizola, costumava dizer, mesmo durante a campanha: "Este moço é um leão, quando a gente pensa que ele caiu levanta com mais força".